

Título: Lobato versus Pires: Uma discussão sobre o lugar do caipira no futuro da República.

Leonardo da Costa Ferreira¹

Resumo: Este artigo lança uma discussão sobre os debates, ocorridos durante a Primeira República, acerca do lugar que cabia ao caipira no futuro da nação. Ressalta-se que o eixo central do trabalho serão diversos artigos de Cornélio Pires e Monteiro Lobato.

Palavras chaves: República, identidade e caipira.

Resumé: Dans c'est article on a proposé une discussion sur les débats, pendant la Première République du Brésil, près du lieu du rustre au future de la nation. Ressault qu'au centre du travail se troveron plusieurs des textes de Cornélio Pires e Monteiro Lobato.

Paroles clês: Republique, identité et rustre.

Em 1914, Monteiro Lobato publica o artigo Urupês no jornal O Estado de S. Paulo (OESP). No artigo, Lobato criou um personagem, seu nome: Jeca – Tatu. Inicialmente, Lobato irá atribuir ao personagem, “espécie degenerada em sua origem mestiça”, a responsabilidade por todos os problemas do universo rural. Nesse tempo, o Jeca era indolente, incapaz de participação na vida política e desconectado da produção fabril do mundo moderno. Citando as palavras do próprio Monteiro Lobato, o caipira e/ou caboclo Jeca – Tatu seria uma:

“...uma espécie de homem baldio, semi – nômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. A medida que o progresso vem chegando ... vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão (...) de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscarado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se (...) o cabloco é uma quantidade negativa”. (LOBATO, OESP, 1914)

Lobato, fazendeiro do interior paulista, em uma correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, reclamou de uma determinada corrente de interpretação dos elementos nacionais, denominados por ele de “caboclistas”. Nessa carta, Lobato acusou os caboclistas de realizarem uma leitura errônea porque, em sua opinião, exaltava o interiorano brasileiro erradamente. Diz o autor do Sítio do Pica – Pau Amarelo:

“A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma entrada, a novidade, entra a ver o velho cabloco romântico já cristalizado – e até caipirinhas cor de jambo (...) O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca (...) Em vez de índio, caboclo”. (LOBATO, 1959, P.50).

Esse posicionamento de Monteiro Lobato, segundo Silvia Leite², era uma crítica direta a Cornélio Pires, escritor de origem humilde que produzia e vendia milhares de livros somente sobre a temática caipira. O próprio Lobato afirma que a crítica aos caboclistas foi realizada para “...bulir com o Cornélio Pires, que anda convencido de ter descoberto o caboclo...” (LOBATO, 1959, P.51).

Cornélio Pires realizava, desde 1910, tournée pelo interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás com o grupo musical Turma dos Caipiras que entoava cantigas e contava anedotas sobre o cotidiano caipira. O sucesso das apresentações foi tanto que Pires resolveu montar programas de rádio, produzir filmes³ e lançar LPs. (ROVAI, 1978, P.57-75).

Pires também publicou inúmeros livros dentre os quais os principais são: Quem conta um conto... (1916), Conversas ao pé do fogo (1921), As estrambóticas aventuras de

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (2007) e Professor de História das redes públicas de ensino da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2003) e do Governo do Estado do Rio de Janeiro (2005).

² Sílvia Helena Telaarrolli de Almeilda Leite é Professora de Literatura na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campos de Araraquara desde 1985. A Professora estuda a sátira e o riso na literatura paulista.

³ Filmes de Cornélio: Brasil Pitoresco (1923) e Vamos Passear (1934).

Joaquim Bentinho, o queima campo (1924), Continuação das estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo (1929). Esses livros venderam juntos mais de trezentos mil exemplares. De acordo com Leite, Cornélio só perdia em vendas justamente para Lobato, seu principal crítico. (LEITE, 1996, P.116-117).

O caipira de Cornélio Pires foi criado, em 1916, no livro Quem conta um conto... e o seu caipira é o oposto do já lendário Jeca – Tatu. Isso levou aqueles dois intelectuais a travarem uma bela disputa através das páginas do jornal O Estado de S. Paulo e de seus próprios livros. Para o paulista Monteiro Lobato o caipira do também paulista Cornélio Pires era:

“...uma bonita estilização – sentimental, poética, ultra – romântica, fulgurante de piadas – e rendosa. O Cornélio vive, passa bem, ganha dinheiro gordo, com as exibições que faz do seu caboclo (...) é o público mija de tanto rir. O meu Urupês veio estragar o caboclo do Cornélio”. (LOBATO, 1959, P.52).

Diante esta crítica direta Cornélio Pires brada que:

“O nosso caipira tem sido vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseado em rápidas observações sobre mumbavas e agregados (...) certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o todo pela parte, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, idiota e nhampan” (PIRES, 1987, P.3)

Quando Pires acusa Lobato de julgar, “o todo pela parte, justamente a parte podre”, aquele se refere as suas pesquisas publicadas no livro Conversas ao pé do fogo (1921) onde discute o “caipira como ele é”. Através de uma apresentação em diferentes tipos, tais como: o caipira branco, o caipira caboclo, o caipira preto e o caipira mulato. Cornélio Pires afirma que o autor de Urupês (1914) cometeu o erro de observar apenas o caipira caboclo (mistura de branco com índio), registrando-o na literatura como o caipira por excelência. O qual,

segundo Pires, era “...preguiçoso, velhaco e mantoso, barganhadores como ciganos, desleixados, sujos e esmulambados...” (PIRES, 1987, P.21)

Contudo, informa Pires, existiam outros três tipos de caipiras (o branco, o preto e o mulato) cada um com um determinada característica. Os caipiras brancos, por exemplo, seriam “gentis, bem educados, inteligentes e honrados”. Já o caipira negro se caracteriza por ser trabalhador, progressista, limpo, educado, alegre, dado ao canto e a dança, sendo alguns artistas invejáveis. Por fim, os caipiras mulatos (mistura de branco com negros) são os mais vigorosos, altivos e independentes brasileiros. Este “procura elevar-se pelo trabalho” e, quando empregado é ativo e fiel, prestando-se “a todo tipo de trabalho”.(BRANDÃO,1983, P.30-31)

Enfim, para o escritor, músico e cineasta Cornélio Pires aqueles três tipos de caipiras seriam:

“...trabalhadores, fortes, tímidos em contato com os da cidade, folgazão e alegre em seu meio, de rara inteligência e argúcia, tem maleabilidade para todo serviço é dócil, amoroso, sincero e afetivo (...) e no confronto com o trabalhador estrangeiro, ele ganha em envergadura”(FERREIRA, 2002, P.227)

O que mais irritava Lobato, era que Cornélio defendia o direito ao voto para os caipiras e chegou a declarar que eles deveriam ter acesso à educação escolar, à educação física e à saúde pública. Em livros como Quem conta um conto... (1916) e Conversas ao pé do fogo (1921), Cornélio procurava mostrar aos seus leitores que os caipiras caso tivessem acesso aquelas benesses iriam progredir. Entretanto, na visão corneliana, essa modernização não deveria implicar na substituição de todas as manifestações culturais dos caipiras (como a camaradagem, a alegria e a simpatia), pois tais traços culturais, segundo o escritor, estavam sendo perdidos nas grandes cidades e resgatá-los seria primordial.

Cornélio Pires nos fornece vários exemplos de como seria um caipira renovado pela educação e saúde. Alguns exemplos, encontram-se no livro Quem conta um conto... (1916) como o personagem João Claudino “...caboclo sério até ali, tipo trabalhador e integro, que se indigna ao presenciar o desrespeito com os mais fracos” (PIRES, 1916, P.141-142) e um outro, chamado de Jeca Ribeiro “...bom caipira remediado, amigo dos livros, jornais e almanaques da botica que o deleitavam todos as noites” (PIRES, 1916, P.122).

Conforme exposto anteriormente, em Urupês (1914), Monteiro Lobato atribuíra preponderância às teses raciais e climáticas para a pobreza, chegando a culpar o trabalhador do campo por sua condição. Porém, no livro O Problema Vital (1918) o escritor refletiu sobre esse assunto de outra maneira, pois passou a acreditar numa explicação médico – científica. Dessa maneira, o problema do Jeca – Tatu não era mais uma questão de inferioridade racial, mas sim um problema médico – sanitário. O raciocínio era o seguinte: O Jeca está doente, portanto é pobre. Mas é pobre porque é doente. Elucidativa é a epígrafe do livro O Problema Vital: “O Jeca não é assim, está assim”. (SKDIMORE, 1976, P.201).

Essa transformação do pensamento de Monteiro Lobato aconteceu quando entrou em contato com os médicos Artur Neiva, Belisário Penna e Renato Kehl, participantes do movimento sanitarista. Penna e Neiva chefiaram uma expedição, em 1912, patrocinada pela Inspetoria de Obras Contra as Secas que percorreu extensas regiões do Nordeste e Centro – Oeste (SKDIMORE, 1976, P.200-203). Após a conclusão da expedição os médicos – sanitaristas decidiram publicar os seus diários. Sendo assim, em 1916, foi lançado um livro recheado de fotografias que mostravam a miséria em que viviam os brasileiros daquelas regiões (SKDIMORE, 1976, P.200-203). Segundo Sílvia Leite, Monteiro Lobato mantinha relações bem próximas com Renato Kehl e Belisário Penna, tanto que O Problema Vital (1918) foi transformado em livro por decisão da Sociedade de Eugenia de São Paulo e Liga Pró – Saneamento do Brasil. Instituições essas que contavam com a participação dos médicos já citados. (LEITE, 1996, Cap 3).

A guinada de Lobato também pode ser materializada no artigo Jeca – Tatu: A ressurreição (1918), que ficou conhecido como “Jecatatzinho”. No texto, o Jeca padecia dos mesmos males que o descrito alguns anos antes em Urupês (1914). Mas, após entrar em contato com a ciência, curava-se das suas moléstias se tornando um trabalhador exemplar. Lobato expressa maravilhosamente essa transformação no artigo Início da Ação (1918), também contido no livro – coletânea O Problema Vital, onde afirma que:

“A idéia do saneamento é uma. Bastou que a ciência experimental, após a série de instantâneos cruéis que o diário de viagem de Artur Neiva e Belisário Penna lhe pôs diante dos olhos, propalasse a opinião do microscópio, e esta fornecesse à parasitologia elementos para definitivas conclusões, bastou isso para que o problema brasileiro se visse, pela primeira vez,

enfocado sob um feixe de luz rutilante. E instantaneamente vimo-la evoluir para o terreno da aplicação prática (...) porque o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença.” (LOBATO, 1918, P. 297)

A mudança que Monteiro Lobato deu ao Jeca – Tatu pós – 1918, o levou a escrever uma carta, não datada, para Cornélio Pires congratulando-o pelos seus livros e pelo sucesso de vendas de *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho*, o *queima campo* (1924). Diz Lobato:

“...já comprei as ‘Aventuras’ e li-as e vendo dar-te um abraço e ao mesmo tempo confirmar-lhe minha admiração pela tua obra, inda não bem compreendida pela crítica. Você, Cornélio, é um dos pouquíssimos que vai ficar. Há tanta verdade nos teus tipos, tanta vida, há tanto humanismo na tua obra, há tanta beleza, e tanta originalidade em teu estilo que estás garantido, estás à prova do tempo que varre impiedosamente o que é medíocre. Um sincero abraço.” (ARAÚJO, 1968, P.128)

Resumindo! Se os caipiras, para Cornélio Pires, eram alegres e ajudaram a construir a nossa nação, o mesmo não pensava, inicialmente, Monteiro Lobato que acreditava ser o caipira um sujeito racialmente inferior e, por isso mesmo, condenado e culpado pelo seu estado miserável. Porém, após entrar em contato com estudiosos da bacteriologia e microbiologia este passou a defender a concepção sanitarista, que afirma que todo sujeito (no caso o caipira) encontrava-se na miséria e indolência por causa de enfermidades que podem e devem ser curadas e não por determinismos raciais ou climáticos.

Diante esta disputa fica uma pergunta: Qual o lugar do caipira? O Mini Aurélio distribuído pelo governo federal, por volta do ano 2000, a todos os alunos da rede pública de ensino da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro informa que a palavra caipira significa “Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros” (FERREIRA, 2000, P. 119). Saindo dos dicionários gerais para os especializados a diferença é pequena. No famoso Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo o caipira é um interiorano tímido e despreparado para o convívio em

sociedade pois não passa de um “Homem ou mulher que não mora em povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público (...) Habitante do interior, canhestro, tímido, desajeitado, mas sonso”. (CASCUDO, 1979, P.175-176).

Por fim, o leitor(a) não pode perder a dimensão de que Monteiro Lobato e Cornélio Pires estavam numa “competição” para ver quem definia a imagem vencedora sobre o caipira. Nesse sentido, apesar de uma análise apressada indicar a vitória de Lobato devido a consagração do personagem Jeca – Tatu, o mais correto é considerar que a imagem do caipira atual é um mosaico com a assinatura de vários intelectuais. Do Jeca aos tipos engraçados de Mazzaropi, o caipira permaneceu um roceiro matuto e atrasado (ponto para o Monteiro Lobato de Urupês, 1914), mas é inegável que é visto e apresentado, até mesmo por algumas duplas sertanejas atuais, como brincalhão e divertido (ponto para Cornélio Pires).

Bibliografia:

ARAÚJO, A. M.; *Cornélio Pires: O bandeirante do folclore paulista*; São Paulo; Revista da Academia Paulista de Letras; novembro de 1968.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; *Os caipiras de São Paulo*; São Paulo; Brasiliense; 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara; *Dicionário do folclore brasileiro*; São Paulo; Melhoramento; 1979. 4ª edição.

FERREIRA, Sérgio Buarque de Hollanda; *Mini Aurélio*; Rio de Janeiro; Nova Fronteira; 2000.

FERREIRA, Antônio Celso; *Epopéia bandeirante*; São Paulo; Unesp editora; 2002.

FERREIRA, Leonardo da Costa; *Memória, política e folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928*; Niterói; Universidade Federal Fluminense; Dissertação de Mestrado; 2007.

LOBATO, Monteiro; *O problema vital*; São Paulo; Sociedade de Eugenia de São Paulo; 1918.

LOBATO, Monteiro; *Velha Praga*; O Estado de São Paulo; 12/11/1914.

LOBATO, Monteiro; Correspondência com Godofredo Rangel; 20/10/1914. In. Lobato, Monteiro; *A barca de Gleyre*; São Paulo; Brasiliense; 1959.

LEITE, Sílvia Helena Telarolli de Almeida; *Chapéu de palha, panamás, plumas e cartolas*; São Paulo; Unesp editora; 1996.

PIRES, Cornélio; *Quem conta um conto...* ; São Paulo; Seção de obras d´ O Estado de São Paulo; 1916.

PIRES, Cornélio; *Conversas ao pé do fogo*; São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; 1987. (1º edição, 1921)

ROVAI, A.; *O caipira paulista*; São Paulo; Revista da Academia Paulista de Letras; setembro de 1978.

SKDIMORE, Thomaz; *O preto no branco*; Rio de Janeiro; Paz e Terra; 1976.